

LETRAMENTO VISUAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA PERSPECTIVA MULTIMODAL PARA APRENDIZAGEM DE ALUNO SURDO

Francisco de Acací Viana Neto ¹

João Batista Neves Ferreira ²

Victor Lopes Bezerra ³

RESUMO

O letramento visual na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um ponto fundamental para o desenvolvimento de aprendizagem de alunos surdos nas escolas públicas, especificamente por atender a metodologias específicas de ensino de Libras. O objetivo geral desta pesquisa é compreender como o uso de recursos visuais pode ser utilizado para aprendizagem de aluno surdo na sala de aula em uma escola pública no interior do Rio Grande do Norte, disparando o uso de elementos multimodais numa metodologia de ensino apoiada em estratégias visuais. O *corpus* do trabalho é organizado pelas entrevistas realizadas com um aluno surdo e um intérprete de Libras. A metodologia apresentada é o estudo de caso, no qual os sujeitos da pesquisa relatam, através de suas experiências visuais, e também intérprete como trabalho de tradução para ele. Por mediação de trabalho com experiências vividas na sala de aula, primeiro foi feita a realização da anotação, gravação de vídeo e, segundo, as entrevistas. A fundamentação teórica está baseada nas discussões sobre os elementos multimodais, pedagogia visual, letramento visual. Os resultados nos apontam como compreendermos a realidade vivida do aluno surdo na sala de aula, principalmente no ensino da EJA, o qual tem se transformado nas práticas inclusivas por meio de uma aprendizagem significativa com a modalidade diferente (espaço-visual) que esse aluno surdo constrói através do conhecimento da Libras.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Aluno Surdo, Letramento Visual.

INTRODUÇÃO

O avanço na Educação de Surdos, nos últimos anos, tem passado por grandes desafios. Observando e analisando esse processo educacional de pessoas surdas, a barreira enfrentada reflete o quanto isso é desafiador, já que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é sua primeira língua como L1, especialmente na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). O caminho para uma aprendizagem diversificada faz com que os alunos surdos usem, nessa modalidade de ensino, a interação, com a qual todos têm o mesmo objetivo, o de aprender. No Brasil, o ensino de Libras tornou-se uma obrigação legal, garantindo atendimento para essas pessoas surdas que foram excluídas durante muito tempo da educação para todos.

¹ Graduado do curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, acaci.vian@hotmail.com;

² Docente do curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, joab.libras@ufersa.edu.br;

³ Graduando do curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, victorlopes999@hotmail.com.

É preciso acreditar que essa modalidade para o surdo é possível e que o ensino é acessível para a aprendizagem com recursos visuais. Dessa forma, os alunos surdos da EJA poderão se sentir acolhidos e capazes de compreender seus conteúdos construídos na sala de aula.

O presente trabalho busca compreender como o uso de recursos visuais pode ser utilizado para aprendizagem de aluno surdo no contexto da sala de aula em uma escola pública, no que diz respeito à EJA com surdo.

PROCESSO HISTÓRICO DAS CONCEPÇÕES EM RELAÇÃO AO SUJEITO SURDO

Muitos estudiosos afirmaram que, na Antiguidade, os gregos viam os surdos como animais, pois, para eles, o pensamento se dava mediante a fala. Sem a audição, os surdos ficavam fora dos ensinamentos e, com isso, não adquiriam o conhecimento (SILVA, 2010, p. 1).

Nessa situação, compreende-se que a história da educação dos surdos trouxe uma mudança contínua, apesar de vários impactos marcantes. No entanto, vivemos momentos históricos caracterizados por transformações, mas também do surgimento de oportunidades. Considerando que o processo de desenvolvimento de ensino-aprendizagem ocorre a partir da constituição da interação entre sujeito surdo e das ações de professor com os objetos do meio físico, a atividade é mediada pelos signos (orais, gestuais e escritos), que são construídos culturalmente dentro da sala de aula.

Assim, tentaremos explicar as questões envolvidas nesta pesquisa a partir dos espaços na educação escolar dos alunos surdos na Educação de Jovens e Adultos, que são elas: quais as contribuições no campo educacional para a compreensão acerca do processo de aprendizagem do sujeito surdo? Quais as adaptações metodológicas que possibilitam a aprendizagem significativa, o letramento visual e a comunicação dos surdos? Será que estamos preparados para trabalhar a realidade cultural desses sujeitos?

A educação dos surdos já passou por inúmeras barreiras com o intuito de demonstrar como ocorreu essa mudança e os desafios encontrados para que houvesse a prática educacional no ensino público regular para alunos surdos. Discorreremos acerca desse processo e pretendemos compreender como ocorre o fato histórico mediante a biculturalidade do aluno surdo incluído na sala de aula.

Concebendo uma visão histórica da educação do surdo, conforme o estudo realizado por Goldfeld (1997):

A educação das pessoas surdas, por muitos anos, desenvolveu-se de forma preconceituosa. Houve um padrão consistente de evolução em que podemos dizer que o que prevaleceu foi a desigualdade social. As pessoas deficientes eram destacadas por possuírem características divergentes daquelas instituídas pela sociedade. Por exemplo, utilizavam termos como “excepcional” como se explicasse a diferença existente de um indivíduo para o outro (GOLDFELD, 1997, p. 24).

Conforme se pode observar, a sociedade não enxergava até onde os surdos poderiam chegar; não acreditava em uma possível e importante relação desses sujeitos com as pessoas ouvintes. Muitas mudanças foram alcançadas ao longo dos anos, novos conceitos surgiram e, a partir de um novo contexto, iniciam-se pesquisas e estudos sobre desenvolvimento do deficiente auditivo, não apenas linguístico, mas também socialmente de diversas formas.

Nesse mesmo período, percebeu-se que a visão de que o surdo não merecia ser educado começa a mudar. Na Europa surgem, então, os primeiros educadores de surdos que, assim como na atualidade, criaram diversas metodologias para ensiná-los, utilizando-se da língua auditivo-oral nativa, língua de sinais, datilologia (alfabeto manual) e outros códigos manuais. Era frequente, na época, manter em segredo o modo como se conduzia a educação dos surdos.

Segundo Araújo (2000, p.10), o médico italiano Girolamo Cardano, um dos primeiros educadores surdos, por exemplo, afirmou que os “surdos-mudos” podiam ser postos em condições de “ouvir lendo e de falar escrevendo”.

Outro fator importante que trata da convivência de docentes com a experiência educacional do surdo ocorreu através do frade espanhol Pedro Ponce de Leon (1510 - 1584), que atuava no mosteiro beneditino de São Salvador, em Oña, e foi reconhecido como o primeiro professor surdo. Revelava-se contrário à realidade da época, concebida por ideias falsas de médicos, religiosos e filósofos que proclamavam a inaptidão do sujeito surdo para a aprendizagem. Observou-se que ele desenvolveu um processo de metodologia de ensino que utilizava o alfabeto manual (datilologia), a escrita, a linguagem e a oralização proferidos a surdos-mudos [...], criando uma escola de professores de surdos (SILVA *et al.*, 2006).

Em seguida, L’Epée criou uma língua chamada Língua de Sinais como meio para o ensino de fala, o chamado “método combinado”. Em contraponto à proposta de L’Epée, segundo Goldfeld (1997), as metodologias de L’Epée e Heinick se confrontam e foram submetidas à análise da comunidade científica. Os argumentos de L’Epée foram mais fortes e com isso foram negados a Heinick recursos para ampliação de seu instituto.

O fato que mais marcou a história dos surdos foi a decisão adotada pelos educadores ouvintistas, em 1880, na cidade de Milão/Itália. Neste ano foi realizado o Congresso Internacional de Professores de Surdos, para discutir e avaliar três métodos rivais:

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

língua de sinais, oralista e mista (LS e oral). Houve então, uma votação no dia 11 de setembro de 1880 —a favor dos métodos orais na educação de surdos. Dos 164 votos, apenas quatro eram contra; a partir desse dia a língua de sinais foi proibida oficialmente, pois a mesma destruía a habilidade da oralização dos sujeitos surdos (GOLDFIELD, 1997).

Tal descoberta deu impulso ao oralismo, que vigorou na educação do aluno surdo por um longo período. Até mesmo nos dias atuais encontramos escolas de educação de surdos que seguem essa perspectiva, ou mesmo para a sociedade atual ignorante das lutas que a comunidade surda trava até hoje para conseguir ter direito a usar a sua língua nativa, a língua de sinais.

Observamos que essa abordagem foi uma fase que deu espaço para a língua de sinais, assim como a independência da vida do surdo e sua inserção na comunidade surda e na sociedade, visto que não foi completamente segura devido à incompletude do ensino de outra forma de comunicação. O fato é que o surdo poderia utilizar os mecanismos que misturou duas ou três formas de comunicação. Como não conseguia se especializar e aprender de maneira profunda sobre sua língua e todos os processos de uso de letramento e linguagem, como a fala e os sinais (bimodalismo), surgia uma dificuldade na aprendizagem dos surdos.

LETRAMENTO VISUAL E OS ALUNOS

Há várias concepções sobre o letramento, segundo Soares (2003), dentro do campo educacional:

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita (SOARES, 2003. p. 18).

Entendemos que o letramento, como prática social da linguagem escrita, supera o contexto educacional, vai além do espaço dentro da escola, vai até o convívio da sociedade. Mas, não é um conhecimento pronto, é uma construção contínua.

Com o estímulo das tecnologias e diferentes maneiras de comunicação, percebeu-se que esse conceito já não dava mais conta da realidade, pois as pessoas convergiram às sociedades globalizadas (GNL, 1996). Elementos visuais que tiveram pouco valor nos estudos linguísticos até o fim dos anos 1980 agora começam a ser estudados cientificamente (KRESS, 1998; 2010; KRESS; VAN LEEWEN, 1996; GNL, 1996).

Nesse contexto, o letramento visual, segundo Oliveira (2006), é a área de estudo que lida com o que pode ser visto e como se pode interpretar o que é visto. Segundo a autora, o

Letramento visual é abordado a partir de várias disciplinas que buscam estudar os processos físicos envolvidos na percepção visual, como usar a tecnologia para representar a imagem visual; desenvolver estratégias para interpretar e entender o que é visto. Trata-se de uma percepção ampla de letramento visual que vai ao encontro dos novos estudos do letramento e dos multiletramentos (GNL, 1996; ROJO, 2012).

Dessa maneira, através dos recursos visuais, que são as imagens, a leitura visual é compreendida mais facilmente e com eficiência pelos alunos surdos, como nos revela Santaella (2012). Ler imagens por meio de outras imagens e, talvez, explicá-las por meio de substituições por outras imagens, em links, seria mais próximo da criação artística, muito mais do que constituir-se uma atividade didática, “como fazer”, o “para que fazer” e “por que fazer” do letramento visual. Essa teoria mais artística restabelece – ou “combina com” – o que Strobel (2008, p. 66) afirma: “[...] o artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para explorar novas formas de ‘olhar’ e interpretar a cultura surda”.

Segundo o trabalho de LEBEDEFF (2010), na área de letramento e surdez, é possível adotar como metodologia em sala de aula – para o surdo através de suas experiências visuais – o letramento visual, como textos imagéticos condizentes com o processo de aprendizagem surda.

Donis (2007) e Santaella (2012) trouxeram importantes contribuições ao explicar o que significa letramento do sujeito surdo. Elas subdividiram o conceito de letramento da pessoa surda em alguns aspectos, dentre eles: a alfabetização visual; o compartilhamento do significado aprendido ao ler imagens; o desenvolvimento da observação de seus aspectos visuais; entre outros, além de trazer as teorias de base na área da comunicação visual, a reflexão sobre as imagens e em qual contexto apresentam-se no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, buscamos entender como os programas da EJA orientam seus processos curriculares de ensino-aprendizagem na direção da inclusão social e de inserção no mundo do trabalho. Buscamos, ainda, compreender as especificidades da apropriação dos códigos da cultura letrada na formação dos alunos surdos da EJA, especialmente quanto ao desenvolvimento das habilidades da leitura e da escrita.

METODOLOGIA

De acordo com o último Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre a população brasileira, há em nosso país cerca de 45,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, sendo que o Rio Grande do Norte (RN) é um dos Estados com maior

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

índice. De acordo com o censo supracitado, a população do Estado aponta 4.879 surdos. Isso nos motivou ao pensarmos no ensino para essa população, objetivando nosso olhar para a modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), em Caraúbas/RN. Como também os alunos surdos nesse estabelecimento de ensino, principalmente a respeito do letramento visual na aprendizagem de Libras e elementos multimodais percebidos nas imagens e recursos visuais inseridos na sala de aula.

A pesquisa, a qual nos propomos a fazer, tem uma abordagem qualitativa cujo objetivo é compreender como o uso de recursos visuais pode ser utilizado para a aprendizagem de alunos surdos na sala de aula em uma escola pública, especialmente no Ensino Fundamental. É utilizada para a coleta de dados a semientrevista individual com um aluno surdo e uma intérprete de Libras sobre a percepção visual da aprendizagem.

Dividimos a pesquisa em dois pontos apresentados no *corpus*, em consonância com os objetivos específicos deste trabalho. Para o primeiro ponto, analisaram-se as perspectivas de uma intérprete de Libras sobre o que e como se observa o desenvolvimento de ensino-aprendizagem do aluno surdo transmitida na sala de aula; as metodologias percebidas no uso de recursos visuais em Libras, fazendo uso de questionário escrito em Língua Portuguesa e com a presença dos pesquisadores fluentes em Libras. Para o segundo ponto, analisou-se como o aluno surdo de EJA aprende Libras com apoio do uso de recursos visuais para aprendizagem de conteúdos curriculares; quais as metodologias específicas e materiais didáticos usados pelo professor no ensino para com o aluno surdo, aplicando um questionário com perguntas abertas e com imagens, além da aplicação pelos pesquisadores em Libras, sendo apresentados os recursos imagéticos.

E com base nesses dados do primeiro e segundo ponto, apresentam-se algumas estratégias visuais e elementos multimodais em Libras como proposta de metodologia de ensino-aprendizagem, mostrando caminhos nos quais o uso de recursos apropriados em sala de aula possam atingir melhorias na aprendizagem e compreensão do mundo por meio da visão, conhecimento da língua de sinais e suas práticas socioculturais em demais ambientes além da escola. É salutar lembrar que todos os sujeitos desta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), estando cientes, portanto, da natureza científica do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentam-se adiante as reflexões e achados sobre o campo investigado. Com enfoque nos objetivos específicos, apresentamos as discussões para cada um deles.

No início da anotação a ser observada, visitou-se a sala de aula duas vezes por semana, foram feitos registros de filmagem em Libras, e estas, analisadas. Houve a participação de quatro surdos da EJA na escola pública investigada. Usamos várias estratégias visuais, como elementos multimodais para o desenvolvimento de ensino-aprendizagem de aluno surdo para compreensão em Libras. Em nosso cotidiano, é importante adotar perspectivas para um ensino específico e especializado para os alunos surdos, como o caso da compreensão da experiência visual do aluno, especialmente marcas que aparecem em textos variados, observando o que constitui as estratégias visuais, como recursos de aula e uso da Libras.

Apresentamos estratégias visuais e elementos multimodais, tais como: a) uso de slides em power point; b) uso de produção de imagem(ns) e vídeo(s) pela escolha do aluno. As características mais relevantes observadas pelos pesquisadores foram:

- a) Nível de aprendizagem: apesar de a turma de EJA corresponder ao 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, os alunos são alfabetizados. Dessa forma, os alunos têm bom desempenho nas atividades acompanhadas tanto pela intérprete como pelos professores.
- b) Faixa etária: por se tratar de turma de EJA, a idade dos alunos variava entre 18 e 60 anos;
- c) Alunos surdos: Na sala de aula também havia quatro alunos surdos, que eram acompanhados por duas intérpretes de Libras;

INTÉRPRETE DE LIBRAS

A primeira análise dos dados, conforme o objetivo específico, foram as entrevistas propostas para a intérprete de Libras em sua observação e sua experiência de trabalhar com alunos surdos da EJA no contexto da sala de aula, tendo como referência a participação na perspectiva de letramento.

Fizemos a entrevista sobre o letramento visual e sua atuação como intérprete, perguntamos como ela observa o nível de comunicação de aluno surdo da EJA e como ele está se desenvolvendo. A intérprete comenta a situação:

Os alunos que conhecem Libras se comunicam muito bem. Interagem entre si e com os alunos ouvintes também, de modo que vão ensinando os sinais para todos os colegas. Já os alunos que não têm conhecimento da Libras possuem mais dificuldade, pois não conhecem a língua e isso dificulta tanto está interação, como na aprendizagem dos conteúdos (INTÉRPRETE, 2019).

Essa resposta foi observada pela intérprete em relação ao desenvolvimento da comunicação. Ela afirmou que os alunos surdos são muito interativos, apresentam um bom desenvolvimento, apesar de que ele só tem acompanhamento específico nessa escola, matriculado pela segunda vez na Educação de Jovens e Adultos. Por conta disso, ele aprendeu a sinalizar, de forma rápida, através de percepção visual com apoio de tradução transmitida, uma tática utilizada para uma boa comunicação que vem dando certo durante a aula sinalizada em sala.

Na seguinte questão, perguntamos ao intérprete como ela analisa a comunicação do aluno surdo depois da chegada de um intérprete. Ela apontou que os processos na comunicação dos alunos surdos, de modo geral, são variados, pois o desenvolvimento está acontecendo especificamente na comunicação gestual-visual. Em relação ao intérprete, comentou:

Sim, percebo que pouco a pouco os alunos estão se desenvolvendo tanto no que diz respeito às Libras como nos demais conteúdos estudados. Em algumas disciplinas, eles apresentam mais dificuldades, mas com ajuda da professora, da intérprete e também dos colegas, eles vão aprendendo e conseguindo realizar as atividades, assim como ajudar os colegas nas resoluções dos exercícios faz com que eles pratiquem os conhecimentos já adquiridos (INTÉRPRETE, 2019).

O comentário da intérprete entrevistada mostrou que ela percebeu as dificuldades encontradas na comunicação quando os surdos chegaram para participar das aulas, pois mesmo pelo fato de eles não saberem se comunicar com a ausência da sua língua materna, em meio aos desafios de propor uma interação aos poucos com a ajuda de todos professores, alunos surdos e ouvintes com a intérprete, todos participam com dinamismo, facilitando um convívio melhor e eficaz.

Analisamos também a opinião do intérprete no que se trata da estratégia de Libras em conjunto com o ensino de professora. Assim o mesmo nos falou com relação aos recursos visuais: “*Sobretudo atividades com imagens e muitos classificadores*” (INTÉRPRETE, 2019). Mostra-se com a afirmação do intérprete o quanto a aprendizagem da primeira língua é importante para o desenvolvimento do aluno surdo. Sem esse mecanismo se tornaria quase impossível desenvolver atividades educacionais para esses alunos, através da Libras. Com esses recursos visuais trabalhados na sala de aula, as imagens e os classificadores foram utilizados em diversas atividades, proporcionando o aumento da compreensão pelos alunos.

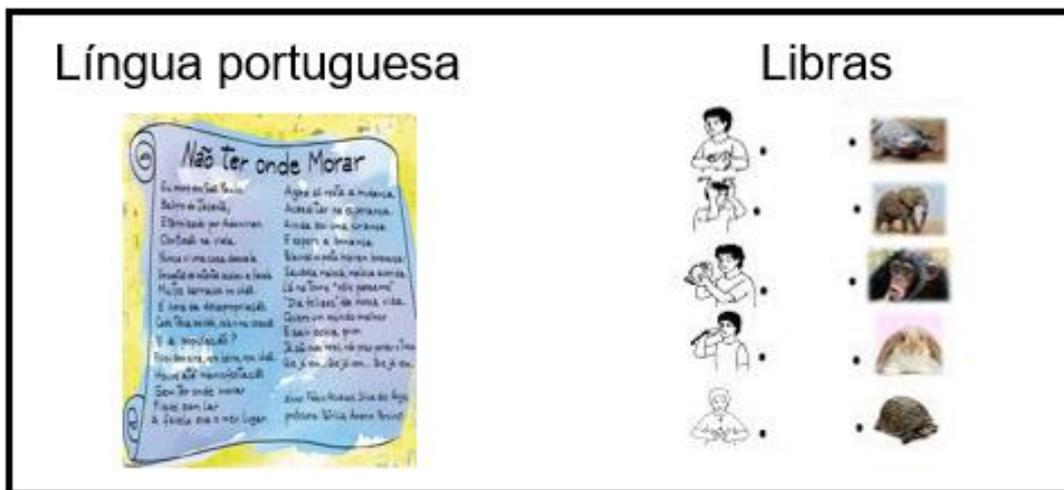
ALUNOS SURDOS

Enfim, realizou-se uma entrevista semiestruturada apenas com um aluno surdo que cursava a EJA em relação à aprendizagem de Libras, obtendo-se respostas a partir de questionário que continha perguntas abertas com recursos imagéticos, além da aplicação pelos pesquisadores no uso da Libras.

Para isso, pensamos usar várias estratégias para conseguir as respostas do questionário aplicado, no qual o surdo ressaltou que para ele é mais fácil aprender, entre as duas línguas, a Libras, pois existem elementos visuais e multimodais que facilitam a compreensão da língua para um surdo se expressar melhor em Libras.

Ao perguntarmos a respeito de línguas que o aluno surdo sente mais facilidade para compreender nos conteúdos estudados, dispomos a imagem abaixo, para ele pudesse responder:

Figura 1 – Língua usada na aprendizagem



Fonte: Elaborado pelos autores.

A resposta sinalizada pelo surdo apontou que a Libras é a língua mais fácil de compreender entre pessoas surdas em seus conteúdos relacionados às imagens e gravuras de sinais, pois é uma língua visoespacial e se apresenta em uma modalidade diferente da língua oral, uma vez que utiliza a visão e o espaço, desse mesmo modo sobre essa relação das imagens com as palavras em aprendizado.

Mostra-se, dessa maneira, como a aprendizagem de Libras para surdos pode ser refletida para a comunidade escolar como um todo. Sobre as atividades em sala de aula de maneira geral, perguntamos sobre os métodos no uso de ensino de Libras, o que ele respondeu, através de

sinalização a respeito de sua primeira língua: “UMA VEZ EU IR BIBLIOTECA JUNTOS ALUNOS OUVINTES TAMBÉM INTÉRPRETE LEVAR UM CADERNO CONTAR VÁRIA IMAGEM E TAMBÉM FAZER CARTAZ. (...) TER ATIVIDADE COM FIGURAS E INTÉRPRETE AJUDAR EU PERCEBER E APRENDER MELHOR”.

Tendo visto que o uso de método para ensinar Libras para surdos é utilizado nas atividades desempenhadas visualmente como método de comunicação, como cadernos que contêm gravuras, cartazes com o uso de imagem para facilitar a comunicação e a mediação do intérprete na sala de aula, com isso se dá condições para o surdo se estabelecer em seu processo de multimodalidade para aprendizagem significativa.

Figura 2 – Apresentação visual e cartazes visuais



Fonte: Arquivo dos pesquisadores.

Vale salientar que as fotos de atividades visuais mostram o processo de letramento visual o qual ele desenvolveu de maneira comunicacional para então poder pensar na diversificação visual das estratégias de aprendizagem.

Durante as entrevistas a respeito do letramento visual, a última questão foi: “Que materiais didáticos utilizados para usar em sala de aula”, apresentando em Libras usando pela filmagem. O mesmo sinalizou: “SALA DE AULA TER MATERIAL DIDÁTICO LIBRAS, TER CARTAZES COM ALFABETO LIBRAS, TER DICIONÁRIOS LIBRAS, SLIDE MOSTRAR IMAGEM (...)”. As respostas sinalizadas evidenciam o uso de recursos visuais utilizados na sala de aula. Tivemos como objetivo compreender se realmente a hipótese de que o uso de recursos visuais nas atividades com os alunos surdos é facilitadora de aprendizagem.

ANÁLISE DO RECURSO DIDÁTICO UTILIZADO PELOS SURDOS NA APRENDIZAGEM DA LIBRAS

Esta subseção vai se deter no alcance de nosso segundo objetivo específico, sobre o recurso didático utilizado pelos alunos surdos na aprendizagem de sua L1. Buscou-se verificar exatamente qual é o recurso didático utilizado nesses cursos: apostila, livros didáticos, cadernos das atividades desenvolvidas, o que ajuda o aluno a compreender o poder constitutivo das imagens tanto no sentido de leitura quanto no que se refere à criação das mesmas (REILY, 2003, p. 169), considerando-se o material visual citado, no qual será possível observar como as imagens e vídeos participam do cotidiano dos alunos. Separamos a análise em dois momentos: i) o uso de tecnologias impressas e II) o uso de tecnologias digitais. Vale salientar que essas diferenças do uso de tecnologias desenvolvem a execução para a utilização de imagens e vídeos diferenciada a qual é destacada pelos alunos surdos bem como a sua importância como recursos didáticos visuais em sala de aula para uma melhor compreensão dos conteúdos, através de letramento visual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados analisados sobre o processo de letramento visual dos alunos surdos da EJA, mesmo que ainda preliminares, procuraram compreender claramente como os alunos surdos aprendem sua língua materna, como Libras, apontando o uso de recursos multimodais em suas práticas de ensino-aprendizagem, como atividades visuais ligadas à imagem. A intérprete de Libras transmite pelos conteúdos estudados a comunicação visual em sala de aula, incrementando o aprendizado de Libras para os alunos surdos de EJA.

É perceptível que, embora os alunos surdos sejam adultos fora de faixa, os estudos possam se incluir no desenvolvimento e na aprendizagem. A turma é receptiva à inclusão oferecida pelo compromisso da Secretaria de Educação do município, que vem dando esse suporte na contribuição para que os intérpretes possam realizar essa interlocução de voz, além de considerarem o desenvolvimento da Libras como fundamental para ambos.

Enfim, esses objetivos refletem a importância de compreensão, considerando a questão do processo da multimodalidade e em relação à construção de letramento dos alunos surdos na sala de aula com apoio de recursos visuais como garantia de aprendizagem significativa de alunos surdos em comunicação acessível.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. M. L., **Jogos Computacionais Fonoarticulatórios** Para Crianças com Deficiência Auditiva. Tese de Doutorado – UNICAMP, 2000.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GNL - THE NEW LONDON GROUP. **A pedagogy of multiliteracies**: designing social futures. *The Harvard educational review*, v. 1, n. 66, p. 60-92, 1996.

GOLDFELD, Márcia. **Linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus. 1997.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London; New York: Routledge, 2006.

_____. **Multimodality**: a social semiotic approach to communication. London/New York: Routledge. 2010

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Aprendendo “a ler” com outros olhos: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 36, p. 175-196, 2010.

OLIVEIRA, S. **Texto visual e leitura crítica**: o dito, o omitido, o sugerido. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 9, n. 1, p. 15-39, 2006

REILY, Lúcia H. **As imagens**: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. *In: Silva, Ivani Rodrigues; Kauchakje, Samira; Gesueli, Zilda Maria (org.)*. *Cidadania, Surdez e Linguagem: desafios e realidades*. 4. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

ROJO, Roxane; Almeida, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, p.264, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ª ed, 11ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, S. A. **Conhecendo um pouco da história dos surdos**. Londrina-PR, 2009, p.1.

SILVA, V. et al. Educação de surdos: Uma Releitura da Primeira Escola Pública para Surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. *In: QUADROS, R. M. (Org)*. **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p.324.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.